



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

PATRÍCIA ELIZABETH MONTEIRO E MONTEIRO

DA EDUCAÇÃO BÁSICA À FORMAÇÃO DOCENTE: memórias de uma Licenciatura
em Letras

BARCARENA

2026

PATRÍCIA ELIZABETH MONTEIRO E MONTEIRO

DA EDUCAÇÃO BÁSICA À FORMAÇÃO DOCENTE: memórias de uma Licenciatura
em Letras

Memorial apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, no Curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba – Polo Barcarena, como requisito para a conclusão da graduação em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

BARCARENA

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M772e Monteiro, Patrícia Elizabeth Monteiro E.
Da Educação básica à Formação docente: : memórias de uma
Licenciatura em Letras / Patrícia Elizabeth Monteiro E Monteiro. —
2026.
29 f.
- Orientador(a): Prof. Dr. Robson Borges Rua
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa,
Abaetetuba, 2026.
1. Trajetória escolar. 2. Formação docente. 3. Licenciatura
em Letras. 4. Estágio Supervisionado. 5. Identidade docente. I.
Título.

CDD 370

PATRÍCIA ELIZABETH MONTEIRO E MONTEIRO

DA EDUCAÇÃO BÁSICA À FORMAÇÃO DOCENTE: memórias de uma Licenciatura
em Letras

Memorial apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, no Curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba – Polo Barcarena, como requisito para a conclusão da graduação em Letras – Língua Portuguesa.

Data da aprovação: **24 de agosto de 2026**

Conceito: **Excelente**

BANCA EXAMINADORA

Orientador:

Prof. Dr. Robson Borges Rua - (UFPA)

Examinador Interno:

Prof. Dr. Antônio Bruno Cavalcante Ferreira - (UFPA)

RESUMO

Este memorial apresenta minha trajetória pessoal, escolar e acadêmica até a conclusão da Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará, no Polo Barcarena. O texto recupera lembranças da infância e da educação básica, as experiências com professores e colegas, o adiamento do sonho de cursar uma graduação, o ingresso na universidade em 2021 e os desafios enfrentados durante a formação. Também são discutidas as aprendizagens construídas nas disciplinas, nos projetos, nos eventos acadêmicos, nas relações de amizade e nas experiências de estágio e de atuação docente. A reflexão evidencia mudanças na maneira como compreendo o ensino de Língua Portuguesa, a inclusão, o planejamento e a relação entre professor e estudante. Ao final, reconheço que a formação docente não se encerra com o diploma, mas continua sendo construída na prática, na pesquisa e na disposição permanente para aprender.

Palavras-chave: Trajetória escolar; Formação docente; Licenciatura em Letras; Estágio Supervisionado; Identidade docente.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 APRESENTAÇÃO: QUEM SOU EU?.....	7
3 MEMÓRIAS DA MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL E ESCOLAR	9
4 A ESCOLHA PELA LICENCIATURA EM LETRAS	11
5 EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS E FORMAÇÃO DOCENTE.....	15
6 ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA	19
7 A CONSTRUÇÃO DA MINHA IDENTIDADE COMO PROFESSORA	22
8 A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA	23
9 REFLEXÕES FINAIS E CONSIDERAÇÕES SOBRE A MINHA TRAJETÓRIA.....	25
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

A trajetória retratada neste memorial reflete o início da minha formação educacional desde os anos iniciais até a minha chegada na faculdade no Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, destacando as experiências que contribuíram para minha formação humana, acadêmica e profissional.

Este memorial é escrito em primeira pessoa porque sua finalidade é registrar e interpretar uma trajetória de formação. Não se trata apenas de uma lembrança cronológica, mas de uma tentativa de compreender o sentido que cada experiência assumiu na construção da minha relação com a escola, com a universidade e com a profissão docente.

Ao longo deste texto, relato momentos marcantes da minha vida estudantil, desde o primeiro ano de escolarização até a conclusão da Licenciatura em Letras, evidenciando os desafios encontrados, as aprendizagens construídas e as transformações que ocorreram durante esse percurso.

A elaboração deste memorial possibilita uma reflexão sobre minha caminhada, permitindo compreender como cada etapa vivenciada contribuiu para a construção da minha identidade como futura professora de Língua Portuguesa. Além disso, este trabalho representa uma oportunidade de reconhecer a importância das experiências, dos estágios, das relações estabelecidas com professores e colegas e da pesquisa desenvolvida ao longo da graduação.

Desafios foram superados, com apoio da minha família, amigos e professores, o que foi crucial para minha formação acadêmica. Ao olhar para minha trajetória, percebo que cada etapa foi importante para a construção da pessoa e da futura profissional que estou me tornando. As dificuldades enfrentadas me ensinaram a ser forte, enquanto as conquistas me motivaram a continuar estudando e buscando novos conhecimentos. Descrever sobre a minha caminhada escolar é fazer uma viagem ao passado, lembrando dos momentos bons de aprendizagem, com pessoas que contribuíram para a minha formação acadêmica, e que deixaram essa sementinha de ser educadora no meu coração.

Mais do que relatar acontecimentos este memorial busca demonstrar como cada experiência influenciou minha formação, fortalecendo meu compromisso com educação e com o exercício da docência.

2 APRESENTAÇÃO: QUEM SOU EU?

Meu nome é Patrícia Elizabeth Monteiro e Monteiro. Nasci em 06 de agosto de 1983, na área rural do município de Abaetetuba, precisamente no Ramal do Tauerá de Beja, na casa de minha avó materna, ela era parteira daquele local e realizou o parto de minha mãe. Sou a primeira filha de Antônio Pedro da Silva Monteiro, pedreiro autônomo e concluinte do Ensino Médio, e de Marilda Monteiro e Monteiro, servidora pública e, à época, concluinte do curso de Magistério. Apesar de terem o mesmo sobrenome, meus pais não eram parentes. Tenho três irmãs que se chamam Ana Lúcia, Adriana e Marília e um irmão que se chama Fabrício. Sou esposa de Josenildo, com quem formei minha família, e sou mãe de Jean Pedro e Isabella.

Após meu nascimento fomos morar na cidade (nome que as pessoas referem-se quando vem do interior das ilhas ou estradas), morávamos em uma casa de madeira cedida pelos meus avós paternos Heliodoro e Dulcelina (in memoriam) onde vivi minha infância e uma parte da minha adolescência. Cresci em um ambiente familiar acolhedor, com dificuldades financeiras, mas meus pais sempre nos incentivaram a valorizar a educação como um caminho para a construção de um futuro melhor. Recordar esse período desperta sentimentos de gratidão, pois foi nessa fase que começaram minhas primeiras experiências de aprendizagem e convivência social.

Minha infância foi marcada por momentos de alegria e simplicidade. Recordo das idas ao interior onde morava minha Vó materna Nazaré (in memoriam), a sala de sua casa ela disponibilizava para servir de anexo da Escola Municipal Sagrada Família, onde minha Tia Márcia era professora e lecionava para as turmas de primeira à quarta série, ali já começava a me interessar pela sala de aula, pois ajudava os alunos junto com minha tia. Venho de uma família de educadores, minhas tias Rosa Maria e Marisa são os meus exemplos mais fortes de educadoras, assim como os meus primos e primas que são as pessoas que deram continuidade e me inspiram também. Essas vivências, aliadas ao apoio da minha família, foram fundamentais para a formação dos valores que levo comigo até hoje.

Sou esposa de Josenildo e mãe do Jean Pedro e da Isabella. Após três anos de namoro, engravidei e me juntei com o meu namorado, agora meu esposo. Viemos morar com a minha sogra Benedita em Vila dos Cabanos no município de Barcarena-PA. Estava alegre com a gravidez, mas ao mesmo tempo pensativa, pois teria que me acostumar com uma nova vida longe dos meus pais e meus irmãos, e eu ainda não estava preparada para essa transição. Em 2004 tornei-me mãe de um menino, Jean Pedro, o qual preencheu as nossas vidas de alegria.

Após quatro meses do nascimento do meu filho comecei a trabalhar em uma locadora de DVD's para ajudar nas despesas de casa. Em 2011, nossa família aumentou com a chegada da nossa filha Isabella, precisei deixar o trabalho para dedicar-me aos cuidados com ela. Com todos esses acontecimentos meu sonho de ingressar na faculdade foi sendo adiado, mas esse sonho só ficou adormecido por um tempo.

Falar das minhas raízes, me deixa muito feliz, pois de onde eu venho não havia riqueza, vivíamos com dificuldade, mas meus pais nos ensinaram valores e nos deram educação, não estou falando de educação de escola e sim aquela que a gente aprende no convívio familiar e que levarei para o resto da minha vida e repasso para os meus filhos, a do respeito, da humildade, da honestidade, do amor, da responsabilidade e empatia, no qual eu sinto orgulho.

3 MEMÓRIAS DA MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL E ESCOLAR

Minha trajetória escolar teve início no município de Abaetetuba, no estado do Pará. Meu primeiro contato escolar ocorreu na Escola Casulo Mickey, onde cursei a Educação Infantil no qual sinto muita saudade, pois tinha como mentora a saudosa Nina Abreu um ícone da cultura Abaetetubense. Posteriormente, dei continuidade aos estudos na Escola Municipal Governador Magalhães Barata que praticamente morava dentro dela, era do outro lado da rua de onde eu morava. Desde cedo, frequentar a escola era motivo de entusiasmo, pois encontrava um ambiente acolhedor, no qual me sentia segura para aprender e construir novas amizades.

Também guardo com carinho a lembrança de professoras que exerceram papel importante em minha formação. Na Educação Infantil, a professora Neuza Abreu destacou-se por sua paciência, dedicação e carinho com os alunos, transmitindo segurança e incentivo durante os primeiros anos de escolarização.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as professoras Edilza e Nazaré Azevedo contribuíram significativamente para minha alfabetização, despertando em mim o gosto pela leitura, pela escrita e pelo aprendizado. O compromisso e a dedicação dessas educadoras deixaram marcas positivas em minha trajetória e fortaleceram minha admiração pela profissão docente.

Os anos finais do Ensino Fundamental foram vivenciados na Escola Estadual Professor Leônidas Monte, período que considero muito significativo para minha formação pessoal e acadêmica. Foi nessa etapa que ampliei meus conhecimentos, desenvolvi maior autonomia nos estudos e fortaleci os laços de amizade que marcaram positivamente minha vida escolar.

Os professores desempenharam um papel fundamental nesse processo, sempre demonstrando compromisso com a aprendizagem dos alunos. Entre eles, destaco a professora Nazaré Araújo, de Língua Portuguesa, que exerceu grande influência em minha formação. Suas aulas eram marcadas por atividades de pesquisa e produção escrita, mas o que mais me chamou atenção foi a forma como orientava os alunos na organização dos trabalhos. Desde cedo, ela nos ensinava a estruturar textos, elaborar apresentações e desenvolver uma escrita organizada, práticas muito semelhantes às exigidas no ensino superior. Na época, talvez eu não compreendesse a dimensão desse aprendizado, mas hoje reconheço o quanto esses ensinamentos contribuíram para minha vida acadêmica. Conforme Tardif (2014, p. 36), a relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão de conhecimentos já constituídos. Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações.

Apesar das boas experiências vividas na escola, esse período também foi marcado por desafios. Minha família era composta por cinco filhos, e apenas meu pai trabalhava para sustentar a casa. As dificuldades financeiras exigiam esforço, dedicação e compreensão de todos. No âmbito escolar, enfrentava maior dificuldade nas disciplinas de Física e Matemática, o que me levou a perceber que cada estudante possui facilidades e limitações em diferentes áreas do conhecimento. Essa experiência despertou em mim a importância de uma prática pedagógica acolhedora e sensível às necessidades dos alunos.

Foi também nos anos finais do Ensino Fundamental que comecei a refletir sobre meu futuro profissional. Como estávamos próximos de ingressar no Ensino Médio, os professores frequentemente conversavam conosco sobre a escolha de uma carreira. Naquele momento, meu maior sonho era tornar-me professora de Educação Física, motivada pelo gosto pelo esporte, pela convivência proporcionada pelas aulas e pela admiração que tinha pelos meus professores. Embora minha trajetória tenha seguido outro caminho, culminando na Licenciatura em Letras, essa experiência contribuiu para fortalecer minha vocação para a docência e meu compromisso com a educação.

O Ensino Médio representou uma fase de amadurecimento pessoal e acadêmico em minha trajetória. Essa etapa foi vivenciada na Escola Estadual Professora Benvinda de Araújo Pontes, no turno da tarde. A escola havia sido recentemente inaugurada, o que despertava grande entusiasmo entre os estudantes. Tudo era novidade: a estrutura física, os ambientes de aprendizagem e as oportunidades oferecidas pela instituição. Ingressar nessa nova realidade trouxe muitas expectativas em relação ao futuro e ao aprofundamento dos estudos.

Nesse período, novas disciplinas passaram a fazer parte da matriz curricular, entre elas Literatura e Língua Portuguesa II, que desempenharam papel importante no desenvolvimento da minha escrita e da minha capacidade de interpretação. As atividades propostas nessas disciplinas incentivavam a produção textual e o pensamento crítico, preparando os alunos para os processos seletivos de ingresso no ensino superior, especialmente para o Programa de Ingresso Seriado (PRISE), da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Alguns professores marcaram significativamente minha formação. Destaco o professor Josimar, de Língua Portuguesa II, que nos ensinava a estrutura do texto dissertativo-argumentativo com dedicação e clareza, preparando-nos para as avaliações do PRISE e despertando o interesse pela escrita. Também recorro com admiração o professor Clélio, de História, cuja metodologia diferenciada tornava as aulas dinâmicas e envolventes. A professora Patrícia, de Língua Inglesa, destacava-se pela forma clara e comprometida com que conduzia suas aulas, facilitando a aprendizagem dos estudantes. Lembro ainda do professor Cleivaldo, de Física, que, além de seu conhecimento, chamava a atenção pela semelhança física com o cantor Renato Russo. Também foram importantes em minha formação o professor Élder, de Química, e o professor Ramito, de Educação Física, que contribuíram para ampliar meus conhecimentos e fortalecer meu interesse pelos estudos.

Embora tivesse facilidade em diversas disciplinas, continuava encontrando dificuldades em Física. No entanto, o professor sempre demonstrava paciência e disponibilidade para esclarecer dúvidas, o que me ajudava a compreender melhor os conteúdos e a superar parte das dificuldades encontradas.

Ao olhar para essa fase, compreendo que o Ensino Médio foi decisivo para minha formação. Os professores comprometidos, a metodologia adotada pela escola e o constante incentivo da direção para que os estudantes dessem continuidade aos estudos despertaram em mim a convicção de que a educação transforma vidas. Essas experiências fortaleceram minha perseverança diante das dificuldades e contribuíram para a construção da profissional que hoje estou me tornando.

4 A ESCOLHA PELA LICENCIATURA EM LETRAS

Na época do Ensino Médio, meu maior sonho era cursar Educação Física, área pela qual sempre tive grande afinidade em razão da prática esportiva e das experiências vividas durante a escola. Entretanto, os caminhos da vida seguiram por outros rumos as prioridades eram a

família e o trabalho. Apesar das dificuldades, nunca abandonei o desejo de ingressar no ensino superior.

A partir de 2015, passei a realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) todos os anos, mas os resultados ainda não eram suficientes para conquistar uma vaga na universidade. Em alguns momentos pensei em desistir desse sonho. No entanto, em 2020, recebi o incentivo de meu primo Valdecir, que acreditou no meu potencial quando eu mesma já estava desanimada. Foi ele quem realizou minha inscrição no ENEM e, posteriormente, acompanhou também minha inscrição para o processo seletivo da universidade. Naquele mesmo período, foi implantado um polo da Universidade Federal do Pará (UFPA) em Barcarena, ofertando os cursos de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Matemática no período intensivo. Pela proximidade com minha residência e pela oportunidade de finalmente ingressar no ensino superior, escolhi o curso de Letras, e me inscrevi com o sistema de cotas (cota escola, cota renda, cota raça e bônus de 10% por ser da Região Norte), que me ajudou no ingresso da universidade.

Embora o polo da UFPA em Barcarena oferecesse os cursos de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Matemática, minha escolha foi por Letras, por ser uma área com a qual sempre tive maior afinidade. Desde a época da escola, desenvolvi o gosto pela leitura, hábito que foi incentivado por professores comprometidos com a formação de leitores. Recordo-me das orientações de leitura de obras clássicas da literatura brasileira, como *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, que despertaram ainda mais meu interesse pela Literatura e pela Língua Portuguesa. Essas experiências contribuíram para fortalecer minha identificação com o curso e influenciaram diretamente minha decisão.

O ingresso na Universidade Federal do Pará representou a realização de um sonho que foi construído ao longo de muitos anos de persistência. Depois de diversas tentativas por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), finalmente recebi a notícia da minha aprovação. Lembro desse momento com muita emoção. No dia da divulgação do listão, eu não estava em casa, fazia um trabalho temporário em uma loja de uma amiga e, por estar ocupada, nem havia olhado o celular, que permanecia no modo silencioso. Em determinado momento, percebi que havia várias ligações perdidas da minha irmã, Ana Lúcia. Ao retornar à ligação, ela pediu que eu verificasse o grupo da família no WhatsApp. Foi então que vi a publicação do listão e inúmeras mensagens de parabéns pela minha aprovação. A alegria foi indescritível, pois aquele momento simbolizava a concretização de um objetivo que parecia cada vez mais distante. Nesse

mesmo processo seletivo, minha irmã Adriana também foi aprovada, mas não pôde dar continuidade aos estudos em razão do trabalho.

Ingressar na Universidade Federal do Pará, em 2021, marcou o início de uma nova etapa em minha vida. Entretanto, esse período coincidiu com as mudanças provocadas pela pandemia da Covid-19, fazendo com que as primeiras disciplinas fossem ofertadas de forma remota. Além desse contexto, meu ingresso ocorreu de maneira diferente dos demais colegas, pois precisei aguardar a conclusão do processo de heteroidentificação. Por esse motivo, não iniciei o curso juntamente com a turma, o que gerou certa insegurança e a sensação de estar começando em desvantagem.

Apesar disso, recordo com entusiasmo meu primeiro dia presencial na universidade. Cheguei ao polo universitário repleta de expectativas e fui acolhida por um ambiente que me proporcionou a oportunidade de conhecer pessoas de diferentes municípios, cada uma trazendo consigo histórias, experiências e sonhos semelhantes aos meus. Essa convivência ampliou minha visão de mundo e fortaleceu minha permanência no curso.

O curso era realizado no formato intervalar, o que exigia uma organização diferente da rotina familiar. Como eu passava o dia inteiro na faculdade, precisava acordar cedo para preparar a comida que ficaria para meus filhos e organizar o que levaria para a minha alimentação durante o dia. Saía de casa por volta das sete e chegava às oito da manhã no polo universitário, localizado no bairro Cafezal.

O deslocamento e a rotina de estudos exigiam bastante esforço. O polo possuía uma estrutura física que considero boa, porém havia poucos funcionários o que acabava deixando alguns aspectos do funcionamento da instituição a desejar. Também havia dificuldades relacionadas ao apoio da administração municipal. Pelo acordo estabelecido, caberia à prefeitura oferecer o suporte relacionado à estrutura do prédio, enquanto a UFPA seria responsável pela docência. Na prática, algumas dessas responsabilidades não eram atendidas da maneira esperada, o que acabava repercutindo na experiência dos estudantes.

Outra dificuldade significativa surgiu em decorrência de eu não ter cursado a disciplina Leitura e Produção de Textos Acadêmicos, considerada uma das bases para a formação universitária. Como ingressei posteriormente na turma, não consegui cursá-la naquele momento e, ao longo da graduação, senti os reflexos dessa ausência. Tive dificuldades para compreender textos científicos, produzir trabalhos acadêmicos e acompanhar algumas disciplinas. Embora tentasse me matricular posteriormente, as vagas eram sempre destinadas prioritariamente aos

estudantes ingressantes, impossibilitando que eu recuperasse esse componente curricular naquele período.

Em diversos momentos pensei em desistir da graduação. Permanecer tantos anos afastada da escola fez com que eu percebesse limitações no meu vocabulário, na interpretação de textos e na produção acadêmica. Muitas vezes sentia que meus colegas possuíam maior domínio dos conteúdos, enquanto eu precisava dedicar muito mais tempo aos estudos para compreender conceitos que pareciam simples para eles. Tive muita dificuldade para realizar trabalhos individuais; durante o estágio, essa dificuldade ficou ainda mais evidente. Em alguns momentos, enquanto escrevia, as ideias não vinham e eu me desesperava, chegando a pensar em desistir. Mas depois me acalmei. A partir daquele momento, adotei como lema pessoal a frase “Desistir é para os fracos” e passei a valorizar cada resultado conquistado pelo meu próprio esforço. Assim, mesmo quando recebia um conceito regular ou bom, reconhecia o quanto havia avançado; ficava especialmente feliz quando alcançava o conceito B e ainda mais quando recebia E, de excelente.

Conciliar a universidade com a maternidade também exigiu muitos sacrifícios. Minha filha era quem mais sentia minha ausência durante os períodos de aula, pois meu esposo trabalhava em outro Estado, e eu tinha que contar com a ajuda dos meus familiares para ficar com ela. Nas férias escolares ela permanecia na casa de minha mãe em Abaetetuba, com o retorno das atividades, passava boa parte do dia em casa aguardando minha chegada junto com o meu filho. Essa realidade despertava em mim sentimentos de saudade, mas também reforçava a certeza de que todo esforço tinha um propósito: oferecer um futuro melhor para minha família.

Outro momento marcante aconteceu em 2022, quando meu filho foi aprovado no curso de Engenharia Mecânica, inicialmente pelo Programa Forma Pará e, posteriormente, no Campus da UFPA em Tucuruí. Enquanto eu buscava realizar meu sonho de concluir a graduação, acompanhava com orgulho o início da trajetória universitária dele. Apesar da felicidade pela conquista, também vivi a preocupação natural de uma mãe ao vê-lo seguir seus estudos em outra cidade. Essa experiência fortaleceu ainda mais nossa união familiar e reforçou a importância da educação como instrumento de transformação social.

Durante a graduação, tive a oportunidade de participar, como voluntária, do projeto de extensão Oficina de Redação para o ENEM: Leitura, Escrita e Produção Textual, desenvolvido por meio da parceria entre a UFPA/PROEX e a Biblioteca Pública Dr. Firmo Cardoso, no município de Barcarena, sob a coordenação da professora Andrea Simone Miranda. As atividades tiveram início em abril de 2023 e se estenderam por aproximadamente um ano. Ao

lado de minha colega Jhenifer Vitória Soares, bolsista do projeto, acompanhei estudantes da rede pública na preparação para o ENEM. Essa foi minha primeira experiência direta em sala de aula, antes mesmo da realização dos estágios obrigatórios, e permitiu que eu colocasse em prática os conhecimentos adquiridos durante a graduação. Ver alguns desses estudantes conquistarem a aprovação no ensino superior foi uma experiência extremamente gratificante.

Enquanto eu estava em formação no Ensino Superior, também tive a oportunidade de atuar na Escola Estadual Eduardo Angelim, por meio de Processo Seletivo Simplificado (PSS) da SEDUC, experiência que contribuiu significativamente para minha formação. Fui contratada para a função de professora de reforço escolar. Essa experiência ampliou minha vivência docente, permitindo trabalhar diretamente com estudantes que apresentavam dificuldades de aprendizagem. Posteriormente, assumi turmas do 1º e do 2º ano, além de uma turma de Correção de Fluxo. Como havia falta de professores e alguns horários estavam vagos, tive a oportunidade de assumir essas turmas para que não ficassem sem aulas. Agarrei a oportunidade para começar a minha experiência docente, desenvolvendo ações voltadas para leitura, escrita, interpretação e produção textual, fortalecendo minha prática pedagógica e confirmando minha escolha pela profissão docente.

5 EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS E FORMAÇÃO DOCENTE

As disciplinas relacionadas à literatura foram especialmente importantes para ampliar minha maneira de compreender os textos literários. Antes da graduação, eu já gostava de ler, mas durante o curso passei a perceber que uma obra pode ser observada por diferentes perspectivas, considerando seu contexto histórico, cultural, social e estético. As discussões sobre literatura amazônica também contribuíram para que eu valorizasse ainda mais a produção literária relacionada à nossa região e percebesse a importância de conhecer e valorizar aquilo que faz parte da nossa própria realidade.

As disciplinas relacionadas aos estágios também foram fundamentais, pois possibilitaram uma aproximação maior com a realidade escolar. Nelas, comecei a compreender que existe uma diferença entre conhecer uma teoria e colocá-la em prática. O contato com a escola, com os professores e com os alunos mostrou que o planejamento precisa considerar as características de cada turma e que nem sempre aquilo que funciona para um grupo terá o mesmo resultado em outro.

Entre todas as experiências proporcionadas pelo curso, Libras e Fundamentos da Educação Especial tiveram um significado muito especial. Essas disciplinas modificaram

minha maneira de compreender a educação e fizeram com que eu passasse a olhar para a inclusão de forma mais atenta. Percebi que cada estudante possui suas próprias características e necessidades e que a escola precisa estar preparada para acolher as diferenças, garantindo a participação e a aprendizagem de todos.

Essa experiência também me levou a buscar conhecimentos além da graduação. A partir do interesse despertado pelas disciplinas, realizei um curso básico de Libras e outro de Educação Especial Inclusiva, procurando ampliar meus conhecimentos para estar mais preparada para a prática profissional.

Outro aprendizado importante construído ao longo da graduação foi compreender que o estudante precisa ocupar um lugar de protagonismo no processo educativo. Passei a questionar a ideia de que ensinar significa apenas transmitir conteúdos. Para mim, o professor precisa conhecer a realidade dos alunos, considerar seus conhecimentos prévios, suas dificuldades e seus interesses, buscando diferentes estratégias para favorecer a aprendizagem.

Durante minha trajetória na Licenciatura em Letras, tive a oportunidade de participar de diferentes projetos, eventos e atividades acadêmicas que contribuíram para ampliar minha formação e me aproximar de experiências que iam além da sala de aula. Essas vivências foram importantes porque me permitiram conhecer outras possibilidades de aprendizagem, trocar experiências com estudantes e professores e, principalmente, desenvolver mais segurança para me expressar diante de outras pessoas.

Participar dessas atividades também contribuiu para superar algumas inseguranças que carregava desde o início da graduação. Aos poucos, fui me tornando mais espontânea durante as exposições, aprendendo a falar com mais segurança, utilizar melhor a entonação da voz e interagir com o público. Percebi que uma boa apresentação não depende apenas do conhecimento sobre determinado assunto, mas também da maneira como conseguimos transmitir aquilo que sabemos.

Ao recordar minha trajetória na graduação, percebo que a formação acadêmica não foi construída somente por meio das disciplinas e dos trabalhos realizados. As pessoas que encontrei nesse caminho também tiveram um papel muito importante. Professores, colegas e amigos contribuíram de diferentes maneiras para que eu pudesse superar dificuldades, adquirir novos conhecimentos e, principalmente, permanecer no curso nos momentos em que pensei em desistir.

Entre os professores que marcaram minha trajetória está Alessandro Nobre Galvão. Além de professor, durante o início e boa parte da minha graduação ele também exercia a função

de diretor da faculdade. Acompanhou nossa turma de perto e, em diversos momentos, ministrou disciplinas para que não ficássemos atrasados devido à falta de professores no polo. Com o passar do tempo, estabelecemos também um vínculo de amizade. Em uma das fases mais difíceis do curso, ele nos incentivou a não desistirmos, lembrando que ainda tínhamos muito a aprender e que com tempo aprenderíamos a gostar cada vez mais da Língua Portuguesa. Essa fala ficou guardada comigo, principalmente porque, naquele momento, eu precisava ouvir que era possível continuar.

O professor Eduardo Pastana também deixou uma lembrança muito positiva. Seu jeito engraçado e descontraído contribuía para tornar a graduação mais leve. Em uma caminhada que muitas vezes era cansativa, principalmente pela distância, pela rotina e pelas responsabilidades familiares, momentos de descontração faziam diferença.

Na área de Literatura, o professor Fernando despertou em mim uma admiração especial pela maneira como trabalhava os textos. Ele tinha uma facilidade impressionante para recitar os textos literários, um atrás do outro, como se sua cabeça fosse uma grande caixa de armazenamento. Uma experiência que ficou marcada foi a aula em que assistimos ao filme Odisseia, relacionado à história de Odisseu. Eu já havia assistido a esse filme anteriormente na televisão, na época da “Sessão da Tarde”, mas na faculdade tive a oportunidade de observá-lo com outro olhar, relacionando-o aos conhecimentos literários estudados. Mais recentemente, ao assistir a uma nova produção relacionada à história, percebi novamente como uma mesma obra pode adquirir novos sentidos quando passamos a conhecê-la por diferentes perspectivas.

Outro professor que marcou minha trajetória foi Ezequiel Gomes. Sua simplicidade contrastava com sua exigência em sala de aula, mas ele conseguia transmitir os conteúdos de maneira que nos fazia compreender a importância de nos dedicarmos aos estudos. Em uma das últimas disciplinas que ministrou para nossa turma, proporcionou um momento cultural muito especial, com contação de histórias infantis, apresentação de sainete e leitura de cordel. Foi uma maneira diferente de encerrar uma etapa de aprendizagem e mostrou que o ensino também pode ser construído por meio da cultura, da criatividade e da participação.

Tenho também uma lembrança muito especial do professor Luiz Heleno Montoril, por sua calma e delicadeza. Em uma de suas aulas, realizou uma apresentação com flauta e tocou a música Maria, Maria, de Milton Nascimento. Foi um momento inesperado, mas que ficou marcado em minha memória. Para mim, situações como essa mostram que a universidade também é um espaço de sensibilidade e que o professor pode ensinar de diferentes maneiras, inclusive por meio da arte.

Nas etapas finais do curso, tive a oportunidade de conhecer mais de perto o trabalho do professor Bruno Cavalcante, que como minhas colegas costumavam dizer, “deu o seu brilho” nas últimas disciplinas. Ele nos proporcionou uma experiência muito rica ao discutir a realidade dos presídios femininos e as possibilidades de transformação social. Também tivemos contato com sua produção escrita por meio da apresentação de seu livro “Ler para Libertar”, o que aproximou ainda mais a experiência acadêmica da realidade social.

O professor Robson Rua também passou a ter uma presença importante nessa reta final da graduação. Além de nos acompanhar nesse momento de conclusão do curso, teve participação na realização do 1º SELIB – Seminário de Estudos de Linguagem de Barcarena. Por estudarmos em um polo, muitas vezes tínhamos menos oportunidades de participar de projetos e atividades promovidas pela faculdade. Ele percebeu essa necessidade e nos ajudou a criar oportunidades para que tivéssemos uma participação mais ativa na vida acadêmica.

Embora tenha desenvolvido grande interesse por Gramática e Literatura, uma das experiências que mais me marcou durante a graduação foi a disciplina de Libras, ministrada pela professora Márcia Monteiro. Suas aulas me fizeram enxergar a educação inclusiva de uma maneira diferente. Em determinado momento, ela compartilhou conosco experiências de sua própria família e falou sobre a vivência com um sobrinho surdo e sobre como procurou ajudar sua irmã nos cuidados com ele. Esse relato aproximou o conteúdo da realidade e fez com que eu compreendesse a importância da inclusão de uma maneira mais humana.

O interesse que eu já possuía pela Educação Especial tornou-se ainda maior depois dessa experiência. Passei a compreender que a diferença não deve afastar ninguém do convívio social e que a escola precisa buscar formas adequadas de garantir a participação e a aprendizagem de todos. Foi esse interesse que também me motivou a realizar cursos complementares de Libras Básico e Educação Especial Inclusiva. Hoje, considero essa uma das áreas que desejo continuar estudando e conhecendo melhor.

Se os professores foram fundamentais para minha formação acadêmica, meus colegas foram essenciais para que eu conseguisse atravessar os momentos mais difíceis da graduação. Com o passar dos semestres, nossa turma acabou se tornando uma espécie de família. Éramos pessoas de diferentes idades, municípios, histórias e formas de pensar. Naturalmente, tivemos alguns desentendimentos, mas aprendemos a respeitar nossas diferenças e a conviver uns com os outros.

Entre as colegas que fizeram parte dessa caminhada estão: Dionete, Nilma, de Igarapé-Miri, Josi, do Moju e Alana, de São Domingos do Capim. O fato de algumas colegas precisarem

se deslocar de outros municípios tornava nossa convivência ainda mais especial, pois todos precisávamos nos ajudar de alguma maneira.

A Regiane Cardoso ocupa um lugar especial em minha trajetória. Ela esteve ao meu lado em muitos momentos de dificuldade acadêmica, principalmente nos trabalhos e na compreensão de conteúdo. Como eu já mencionei anteriormente, tive muita dificuldade para sintetizar textos, porque para mim praticamente tudo parecia importante. Muitas vezes, ela me ajudava a compreender o que realmente precisava ser destacado. Sua paciência e disponibilidade fizeram diferença na minha formação.

Também guardo carinho por Ysabele e Emily, colegas mais jovens que se destacavam pela determinação e facilidade de aprendizagem. Elba, mesmo tendo precisado continuar a graduação no campus de Abaetetuba por questões pessoais, permaneceu presente e não perdemos o contato. No final da graduação, também me aproximei mais de Néia e Nete, a nossa “amiga rica”, como brincávamos carinhosamente. E não poderia deixar de mencionar Mark, o único homem da turma, que costumávamos chamar de “o bendito fruto”.

Nossos momentos de convivência também foram importantes. Sempre que podíamos, fazíamos confraternizações para descansar um pouco da rotina acadêmica. Em uma dessas ocasiões, nossa colega Néia estava grávida e organizamos o Chá do Samuel, seu filho que estava por nascer. Hoje ele já tem dois anos, e lembrar daquele momento nos faz perceber quanto tempo passou desde o início da nossa caminhada.

Entre as histórias que ficaram conhecidas em nossa turma, uma das mais engraçadas envolve minha amiga Nilma. Quando veio pela primeira vez para a faculdade, ela foi até a parada esperando uma “van”. Depois de algum tempo, perguntou a uma senhora que horas passaria a “van verde”. A resposta foi que ela tinha acabado de passar. O detalhe é que, na verdade, tratava-se de um ônibus. A história acabou se tornando uma das nossas “pérolas”, principalmente porque, a cada semestre, Nilma parecia ter uma nova situação engraçada para nos contar ou inventar alguma coisa.

Mas, para além das brincadeiras e das confraternizações, existia entre nós um verdadeiro espírito de colaboração. Meus colegas me ajudaram muito nas dificuldades acadêmicas, principalmente na produção dos textos e na compreensão de assuntos que eu não conseguia entender. Quando eu dominava determinado conteúdo, também procurava ajudar quem precisava.

Por ser uma das pessoas mais velhas da turma, muitas vezes também acabava assumindo um papel de escuta. Conversava com os colegas, ouvia suas preocupações e procurava

aconselhá-los quando precisava. Essa troca me ensinou que uma turma não é formada apenas por estudantes que compartilham uma sala, mas por pessoas com histórias, dificuldades, sonhos e necessidades diferentes.

6 ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

O estágio supervisionado representou uma etapa importante da minha formação em Licenciatura em Letras, pois foi nesse período que pude aproximar os conhecimentos construídos durante a graduação da realidade vivenciada no espaço escolar. O contato direto com diferentes turmas, professores e situações de ensino possibilitou compreender que a prática docente envolve muito mais do que o domínio dos conteúdos: exige planejamento, paciência, capacidade de adaptação e atenção às necessidades dos estudantes. “A finalidade do estágio é a de propiciar ao estudante uma aproximação da realidade na qual atuará” (Pimenta; Lima, 2012, p. 45).

Durante essa etapa, tive experiências na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Presidente Dutra e na Escola Estadual Professor José Maria Machado, ambas localizadas no município de Barcarena. As experiências ocorreram no período regular e envolveram turmas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Ao chegar às escolas para iniciar minhas atividades de estágio, fui bem recebida pelas equipes gestoras e pelo corpo docente. Essa acolhida contribuiu para que eu me sentisse mais segura durante o período de observação e pudesse conhecer o funcionamento das instituições e a dinâmica das salas de aula.

Observei também uma boa relação entre a professora e os estudantes. Ela demonstrava respeito pelos alunos e procurava lidar com as situações de indisciplina com paciência. Durante a correção das atividades, além de verificar as respostas, aproveitava para orientar os estudantes e dar dicas que ajudavam na compreensão dos conteúdos.

No Ensino Fundamental, acompanhei conteúdos como fábulas, uso dos porquês, predicado, verbos e complementos, figuras de linguagem, conotação e denotação e fato e opinião. Já no Ensino Médio, tive contato com conteúdos relacionados ao gênero textual propaganda, gênero lírico, produção textual, tipologia narrativa e gênero textual conto.

Essa diversidade de conteúdos e de faixas etárias permitiu que eu percebesse que o ensino de Língua Portuguesa precisa ser adaptado às características de cada turma. Um conteúdo pode exigir uma abordagem diferente dependendo da idade, do nível de conhecimento e do interesse dos estudantes.

Uma situação que chamou minha atenção durante as observações foi o comportamento de alguns alunos que demonstravam pouco interesse pelas aulas. Essa experiência me fez perceber que despertar a atenção dos estudantes é um dos desafios da prática docente. Não basta conhecer o conteúdo; é necessário encontrar maneiras de apresentá-lo de forma que faça sentido para quem está aprendendo.

A experiência da regência foi um dos momentos mais aguardados por mim durante o estágio, pois representava a oportunidade de deixar, por alguns momentos, a posição de observadora e assumir a responsabilidade de conduzir uma aula. Quando chegou esse momento, senti uma mistura de sentimentos. Ao mesmo tempo em que estava confiante, também tinha medo de não conseguir agradar aos alunos, de eles não prestarem atenção ou de alguma coisa não sair como havia planejado.

Antes das aulas, as professoras que me acompanharam deram algumas orientações sobre a maneira como eu deveria me posicionar diante das turmas. Essas dicas foram importantes para que eu me sentisse mais preparada. No primeiro momento, precisei respirar fundo e controlar o nervosismo. Depois, aos poucos, as coisas foram acontecendo naturalmente e consegui desenvolver as aulas com mais tranquilidade.

Minha regência foi realizada nas turmas do 6º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. No 6º ano, trabalhei o gênero textual narrativo e expositivo, juntamente com uma atividade de produção textual. No 8º ano, trabalhei o conteúdo relacionado ao predicativo do objeto direto e indireto. Já no 9º ano, desenvolvi uma aula sobre figuras de linguagem.

Para desenvolver as atividades, procurei utilizar recursos diferentes de acordo com cada turma. No 9º ano, utilizei apresentação em slides, buscando tornar a exposição do conteúdo mais visual e facilitar a compreensão dos exemplos. Para as outras turmas, utilizei principalmente materiais impressos, textos e atividades em grupo.

Uma das experiências que mais gostei aconteceu justamente com o 9º ano. Em vez de realizar apenas uma atividade impressa, preparei um “quiz” sobre o conteúdo trabalhado. A proposta tornou a aula mais dinâmica e possibilitou que os alunos participassem de uma maneira diferente. Percebi que atividades que envolvem interação podem despertar maior interesse dos estudantes e tornar o aprendizado mais participativo.

De maneira geral, os alunos reagiram bem às aulas e demonstraram gostar das atividades propostas. Essa recepção foi importante para mim, pois uma das minhas preocupações antes da regência era justamente saber como os estudantes receberiam minha presença como professora.

Um momento que me marcou especialmente aconteceu quando surgiu a necessidade de um estagiário para acompanhar a turma do 6º ano. Quando perguntaram se eu poderia ir para essa turma, os alunos do 9º ano disseram que não queriam que eu saísse e que preferiam que eu permanecesse com eles, enquanto as outras estagiárias poderiam ir para outra turma. Aquela reação me deixou muito feliz, porque percebi que, mesmo em pouco tempo, havia conseguido construir uma relação de carinho e confiança com aqueles estudantes. Para mim, foi uma confirmação de que estava conseguindo estabelecer uma relação positiva com a turma.

Ainda realizarei a regência nas turmas do Ensino Médio, portanto essa parte da minha formação ainda está em andamento. Mesmo assim, as experiências que já tive no Ensino Fundamental foram suficientes para me mostrar que a prática docente é construída diariamente e que cada turma apresenta seus próprios desafios e possibilidades.

Ao finalizar essa primeira experiência de regência, percebi que aquele medo inicial foi sendo substituído pela confiança. Entrei em sala pensando se conseguiria conduzir uma aula e saí percebendo que era capaz. Mais do que ensinar conteúdos, a experiência me mostrou a importância de escutar os alunos, observar suas reações, adaptar as estratégias e construir uma relação de respeito e confiança. Essa percepção reforçou em mim a importância de uma prática docente flexível, capaz de considerar as necessidades e as respostas dos estudantes durante o processo de aprendizagem. Como destaca Freire (1996, p. 24), “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática ativismo”.

7 A CONSTRUÇÃO DA MINHA IDENTIDADE COMO PROFESSORA

Ao refletir sobre a professora que estou me tornando, percebo que minha identidade profissional não nasceu pronta com o ingresso no curso. Ela vem sendo construída a partir das experiências escolares, das aprendizagens acadêmicas, das relações com professores e colegas e, principalmente, do contato com a realidade da escola. Essa compreensão dialoga com Nóvoa (1992, p. 16), para quem a identidade docente se constitui como um processo de construção de maneiras de ser e de estar na profissão.

É preciso conhecer os estudantes, compreender suas dificuldades, respeitar suas diferenças e procurar maneiras de tornar a aprendizagem mais significativa.

Outro compromisso que considero fundamental é com a educação inclusiva. As disciplinas de Libras e Fundamentos da Educação Especial tiveram um papel muito importante nessa mudança de olhar. A partir delas, passei a compreender melhor que as diferenças não

devem ser motivo de exclusão. Pelo contrário, a escola precisa criar condições para que todos tenham o direito de aprender e participar.

Essa experiência despertou em mim o desejo de continuar estudando sobre inclusão. Por isso, realizei cursos de Libras Básico e de Educação Especial Inclusiva e pretendo continuar minha formação por meio de especializações e outros estudos. Quero estar preparada para acolher os estudantes e contribuir para que aqueles que muitas vezes não têm voz encontrem na escola um espaço de respeito e aprendizagem.

Também compreendi que o compromisso com a educação exige formação continuada. A conclusão da graduação não representa o fim da minha aprendizagem, mas o começo de uma nova etapa. A realidade escolar está em constante transformação, e o professor precisa acompanhar essas mudanças, pesquisar, refletir sobre sua prática e estar aberto a aprender constantemente.

Quero ser uma professora que incentive seus alunos a acreditarem em suas próprias capacidades. Sei que não poderei resolver todas as dificuldades que eles enfrentam, mas posso oferecer uma palavra de incentivo, escutar suas dúvidas, procurar uma maneira diferente de explicar um conteúdo e mostrar que suas dificuldades não determinam até onde podem chegar.

Para mim, o compromisso com a educação também significa compreender que ensinar é um ato de responsabilidade e de transformação. O professor pode contribuir para que o aluno desenvolva não apenas conhecimentos escolares, mas também autonomia, senso crítico e confiança para participar da sociedade. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 47).

8 A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

A pesquisa passou a ter um significado diferente para mim ao longo da graduação. No início, eu a relacionava principalmente aos trabalhos solicitados pelos professores, às pesquisas bibliográficas e às atividades das disciplinas. Com o passar do curso, compreendi que pesquisar também significa buscar respostas, conhecer diferentes realidades, questionar aquilo que já sabemos e procurar maneiras de melhorar nossa prática.

Durante a Licenciatura em Letras, tive contato com diferentes formas de pesquisa por meio das disciplinas, dos trabalhos acadêmicos, dos seminários, dos projetos e das atividades desenvolvidas ao longo do curso. Essas experiências foram importantes para que eu percebesse que o conhecimento não está pronto e que o professor também precisa assumir uma postura de pesquisador.

Uma experiência que contribuiu bastante para essa compreensão foi minha participação em projetos e eventos acadêmicos. No Projeto de Oficina de Redação para o ENEM, por exemplo, pude observar de perto as dificuldades dos estudantes em relação à leitura, à escrita e à produção textual. Essa experiência me fez compreender que, para ensinar, não basta conhecer o conteúdo. É preciso também conhecer os alunos e compreender as dificuldades que fazem parte de sua realidade.

Minha participação no SELIB – 1º Seminário de Estudos de Linguagem de Barcarena também foi importante nesse processo. Além de participar da organização do evento, apresentei o trabalho “A importância dos Projetos Educacionais para o público discente de turmas do Ensino Médio no Município de Barcarena”. Essa experiência me proporcionou maior contato com a produção e apresentação de conhecimentos, além de contribuir para minha segurança ao falar em público.

A pesquisa também esteve presente nas atividades do PIBID, especialmente na apresentação do Projeto de Oficina de Redação. Essas experiências mostraram que os projetos educacionais podem aproximar a universidade da comunidade e possibilitar que o conhecimento produzido no espaço acadêmico tenha uma função social.

Outro aprendizado importante foi perceber que a prática docente também pode gerar perguntas de pesquisa. Quando um professor observa que seus alunos apresentam dificuldades de leitura, por exemplo, pode se perguntar quais são as causas desse problema, quais estratégias podem ajudar e quais metodologias podem tornar a aprendizagem mais significativa. Dessa forma, a sala de aula também pode ser um espaço de investigação e reflexão.

A pesquisa também me ensinou a não aceitar determinadas situações simplesmente porque sempre foram realizadas daquela maneira. Na prática educativa, é necessário observar, questionar e procurar novas possibilidades. Essa postura é importante principalmente diante das transformações que acontecem na escola e na sociedade.

Durante minha formação, passei a ter um interesse especial pelas questões relacionadas à Educação Especial e à inclusão. As disciplinas de Libras e Fundamentos da Educação Especial despertaram em mim o desejo de conhecer mais sobre essa área. A partir delas, procurei realizar cursos complementares e comecei a pensar na possibilidade de continuar meus estudos nesse campo.

Hoje compreendo que um professor pesquisador não é necessariamente aquele que está o tempo todo produzindo trabalhos acadêmicos. É também aquele que observa sua prática, identifica problemas, procura conhecimentos, testa possibilidades e reflete sobre os resultados.

A reflexão sobre a prática constitui, portanto, parte importante do processo de formação e desenvolvimento profissional docente.

Pretendo levar essa postura para minha futura prática profissional. Quero ser uma professora que não se acomode diante das dificuldades encontradas em sala de aula. Se meus alunos apresentarem dificuldades de leitura, quero procurar novas estratégias. Se determinada metodologia não funcionar, quero refletir sobre o que pode ser modificado. Se encontrar estudantes com necessidades específicas, quero buscar conhecimentos para melhor atendê-los.

Acredito, portanto, que a pesquisa contribui para que o professor se torne mais consciente de sua prática. Ela permite que ele compreenda melhor seus alunos, questione sua própria maneira de ensinar e busque caminhos para melhorar o processo de aprendizagem.

A vivência com projetos e atividades acadêmicas também me ensinou que pesquisar não significa apenas reunir informações para cumprir uma tarefa. Muitas vezes, a pesquisa começa com uma inquietação que nasce de uma experiência concreta. Foi assim quando acompanhei estudantes com dificuldades de leitura e escrita e percebi que cada caso precisava ser observado com atenção, sem respostas prontas.

Essa forma de pensar mudou minha maneira de olhar para a escola. Hoje, quando observo uma dificuldade, procuro pensar no contexto em que ela acontece, nas estratégias que já foram utilizadas e nas possibilidades de intervenção. Entendo que conhecer a realidade dos alunos é uma condição importante para que o ensino faça sentido e para que o professor possa tomar decisões mais conscientes.

A pesquisa também passou a representar, para mim, uma forma de continuar aprendendo depois da graduação. Quero manter o hábito de estudar, ler, registrar experiências e buscar explicações para as situações que surgirem na prática profissional. Não desejo assumir uma postura de quem já sabe tudo; quero permanecer aberta às perguntas que a sala de aula produzirá e às aprendizagens que poderão nascer dessas perguntas.

Por isso, considero que a formação acadêmica e a prática docente precisam manter um diálogo permanente. A universidade me ensinou conceitos, procedimentos e formas de analisar a realidade; as experiências escolares me ensinaram que esses conhecimentos precisam ser revisitados diante de cada turma e de cada situação. Pretendo levar para minha atuação profissional esse movimento contínuo entre observar, refletir, pesquisar, planejar, agir e avaliar.

9 REFLEXÕES FINAIS E CONSIDERAÇÕES SOBRE A MINHA TRAJETÓRIA

Escrever este memorial foi uma oportunidade de revisitar minha história e compreender que minha formação docente começou muito antes da universidade. Ela foi sendo construída nas experiências da infância, nas relações familiares, nas escolas em que estudei, nos professores que me ensinaram e nas escolhas que precisei fazer ao longo da vida.

Chegar à Licenciatura em Letras significou realizar um sonho que foi adiado, mas nunca abandonado. Tornar-me mãe, trabalhar e assumir responsabilidades familiares fez com que esse projeto precisasse esperar. Quando surgiu a oportunidade de ingressar na UFPA em Barcarena, entendi que era o momento de retomar um caminho que eu desejava havia muitos anos.

Permanecer na universidade exigiu tanto esforço quanto o ingresso. Precisei lidar com as consequências de um longo afastamento dos estudos, com dificuldades na leitura, na escrita e na produção acadêmica, além de conciliar a graduação com a maternidade e com a vida familiar. O apoio de meus familiares, dos professores e dos colegas foi decisivo. Aprendi, sobretudo, que pedir ajuda e reconhecer minhas dificuldades não significava incapacidade, mas fazia parte do próprio processo de aprendizagem.

As disciplinas de Letras ampliaram minha compreensão sobre a Língua Portuguesa, a Literatura e o ensino. Ao mesmo tempo, os projetos de extensão, os eventos acadêmicos e as experiências culturais me ajudaram a desenvolver comunicação, organização, criatividade e segurança para falar em público. As experiências com Libras e Educação Especial despertaram um interesse que pretendo levar adiante, especialmente por compreender que a educação precisa considerar as diferenças e assegurar a participação de todos. No caso dos estudantes surdos, essa compreensão envolve reconhecer a importância da Libras e de suas especificidades linguísticas e culturais. Como destacam as autoras, “[o]s alunos surdos precisam tornar-se leitores na língua de sinais para se tornarem leitores na língua portuguesa” (Quadros; Schmiedt, 2006, p. 26).

O estágio supervisionado aproximou a formação universitária da realidade escolar. Observar as turmas e assumir a regência fizeram com que eu percebesse que ensinar exige planejamento, flexibilidade, conhecimento do conteúdo, escuta e capacidade de adaptar estratégias. A reação dos estudantes do 9º ano, quando demonstraram que queriam minha permanência com a turma, foi um dos momentos em que mais senti que a docência poderia ser, de fato, parte da minha vida. “É preciso que os professores orientadores de estágio procedam, no coletivo, junto com os seus pares e alunos, a essa apropriação da realidade, para analisá-la e questioná-la criticamente, à luz de teorias” (Pimenta; Lima, 2012, p. 45).

Concluir a graduação, portanto, não significa considerar minha formação encerrada. Pelo contrário, reconheço que ainda tenho muito a aprender e que novas experiências serão responsáveis por continuar formando minha identidade profissional. Quero seguir estudando, pesquisar a realidade de meus alunos, aperfeiçoar minha prática e buscar formação continuada, especialmente nas áreas de inclusão, Libras, leitura e escrita.

Hoje, ao olhar para trás, posso reconhecer nas dificuldades não apenas obstáculos, mas também momentos que me ensinaram a persistir. Chego ao final desta etapa com gratidão por minha família, pelos professores, pelos colegas e por todos os estudantes que fizeram parte dessa caminhada. Tenho consciência de que a história que começou com a menina que sonhava em estudar continua agora com a professora que deseja contribuir para que outras pessoas também encontrem na educação um caminho de aprendizagem, autonomia e transformação.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NÓVOA, António (org.). **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido; Lima, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília, DF: MEC, SEESP, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.